

Jardin des oiseaux, o título da exposição de Emídio Agra, que toma o nome de um dos seus objectos, sugere a memória de um espaço evanescente, de uma realidade difícil de fixar num universo em acelerada transformação. É neste jardim de vestígios, ainda reconhecíveis, mas que há muito abandonaram os seus usos e propósitos, que Emídio Agra resgata os materiais que articula em construções sobreviventes, em conjuntos instáveis onde confluem pensamentos especulativos, literatura, poesia, sonho, cinema ou filosofia. Estes objetos, narrativos e ficcionais, podem ser entendidos enquanto vetores de fuga, desvios ou saídas alternativas para as reais catástrofes engendradas pela paradoxal crença modernista na excecionalidade humana. Breves, frágeis, estes universos sugerem gestos e ações que transportam para espaços outros, e que desvendam situações e ambientes irreconhecíveis. Lugares impossíveis, planos inclinados para o abismo ou o silêncio, como a frase que *Jardin des oiseaux* (2023) parece sussurrar: “J’incline ma petite tête sur un livre que je fais semblant de lire”. Veículos sugestivos e performativos, que amarram a sua experimentação ao imaginário de quem os incorpora, dobrando-se e desdobrando-se em múltiplas imagens ou situações, responsabilizando-nos pelos mundos que transportamos.

Compostas com indícios do passado: restos de botas, malas, palavras, arames, fios coloridos, cruzetas, fita-cola, fronhas, calças, relógios pintados, fósforos, guarda-chuvas, caixas de fruta, botões ou embalagens perdidas... as construções de Emídio Agra não se parecem com nada que conheçamos. As suas composições não resultam da soma de componentes díspares, não resultam de uma lógica cumulativa, antes sugerem terceiras vias. Sugerem pensamentos e práticas alternativas. Encadeiam-se, produzindo variações, transformações e permutas, despertando múltiplas memórias. O mesmo objeto pode assumir-se como uma peça suprematista, abrir-se num lençol de cama onde se podem observar as estrelas ou as horas partidas, servir de ambiente onde se introduz a cabeça, ou transformar-se no vestido de *uma* fantasma; nas suas mãos, uma lata de creme hidratante pode transformar-se numa guilhotina. São composições de fragmentos arrancados do quotidiano, espectros deambulantes ultrapassados pelas próprias histórias e usos. Objetos que repetem propostas descartadas, oscilando entre um possível absurdo e a liberdade do pensamento, dependendo do

seu olhar externo; objetos que encenam a magia das transformações mais ou menos inúteis que acontecem neste universo de rápido consumo, onde ainda persiste um humor tímido. Máquinas que resistem, e que se enunciam desde lugares de fragilidade, sugerem que fechemos os olhos e fiquemos quietos, continuando a existir através da percepção, da escuta e da fantasia.

Como mostrar os objectos de Emídio Agra e fazer com que o público se demore no seu imaginário? Delicadas, frágeis, pouco evidentes, reflectindo uma realidade alienada e longe de assumir empatias estéticas, as criações de Emídio Agra descobrem-se numa manipulação simultaneamente táctil e reflexiva, num gesto do pensamento difícil de partilhar com o público de uma exposição. Talvez por isso, raramente vistos. Estes objetos-poemas foram acionados em performances privadas com o autor, e são agora mostrados em diálogo com uma série de filmes realizados por Ana Pissarra e José Nascimento, e com a escrita de Mario Campaña. As criações de Emídio Agra proliferam noutras linguagens, fundem real e imaginário, e sugerem mundos e sensações para além da matéria mais tangível. Vídeos mais antigos, captados pelo olhar documental de Pere Puig (2007), permitem assistir ao literal desdobrar das peças, à sua manipulação e incorporação pelo autor. À semelhança de sequências fotográficas, os vídeos de Puig funcionam como um inventário e como possível livro de instruções para a manipulação das obras, revelando desdobramentos, ações e sons imprevisíveis, sem desvendar totalmente os seus imaginários.

Em contrapartida, os vídeos mais recentes, realizados para acompanhar a exposição, ultrapassam a barreira da fisicalidade, numa direção ficcional para a qual os objetos de Emídio Agra parecem já apontar. Os encadeamentos de planos, os jogos de montagem e a construção de ambientes sonoros de Ana Pissarra e José Nascimento acrescentam uma carga fantasmagórica e onírica às obras. Através do recurso a arrastamentos e sobreposições de imagens, ao suspense criado pela aproximação a estranhas figuras para as quais só encontramos referentes em mundos imaginários ou paralelos, a animações lúdicas e situações incongruentes, à sugestão de momentos de passagens, travessias e transformação entre escalas, dos cosmos ao berlimde, à captação de sombras, a sequências de planos aproximados, planos de manipulação de dispositivos cénicos, tecnológicos ou puramente criativos, planos

do corpo inteiro do artista na sua relação performática com os objetos, ou a paisagens sonoras e leituras de textos enigmáticos, os cineastas metamorfoseiam os objetos/ações propostos por Emídio Agra.

As malas, os títulos, as palavras suspensas e os universos literários transportados nas obras de Emídio Agra, prolongam-se na viagem sugerida pelo escritor Mario Campaña através de um conto escrito para a exposição, que alerta para a possibilidade de não retorno dos elementos naturais, dos seres, objetos, lugares e mesmo das suas memórias, integrado numa publicação desenhada por Macedo Cannatà. Evoca a palavra como referente último, à semelhança da sensação que temos no confronto com as obras expostas em *Jardin des oiseaux*. Olhando as caixas, as embalagens, as malas e todos os elementos que delas fazem parte, é possível hipotisar com Mario Campaña: “É aqui que dorm(e), é aqui que (s)e recolh(e) todas as noites”.

Articulando múltiplas diferenças e afinidades, pretende-se formar uma “comunidade plural” (expressão de Emídio Agra citando Fina Birulés), propondo um espaço onde seja possível ver, sentir, distinguir e pensar quem somos e como reflectimos o presente, a partir do que nos é proposto; trata-se, assim, de construir um mundo comum, partilhado, onde o cinema, a literatura e as artes plásticas possam ser vistos autonomamente, mas também numa teia de relações, num espaço onde nos podemos comprometer através das histórias que contamos, onde regressam as memórias que começam a ser apagadas. Citando um dos poemas de Mario Campaña, “Todo o empenho é um muro e toda a conquista uma ilusão.”

Citando Susana Camanho, que com eles convive, “são objetos de vários tamanhos, atados com fios quebradiços, finas linhas azuis ou amarelas; que se sopram, espreitam, tocam ou, simplesmente, se olham; que emitem ruídos, estrépitos de maquinaria, mas também assobios, gorjeios, chilros, grasnos; que se colocam no nariz ou nas orelhas, ligam e desligam, desenrolam, enrolam e guardam em malas, caixas e gavetas sem fundo. Deslocação contínua entre uma ‘história individual’ e uma ‘história comum’, objetos descartados, frágeis, arrumados em caixas e malas de viagem que transportam as marcas da experiência histórica, vestígios de oportunidades imaginadas ou de oportunidades perdidas, que parecem dizer: ainda podemos escapar à catástrofe.”

Emídio Agra Jardin des Oiseaux

Curadoria Paula Pinto

25 de Janeiro – 22 de Março 2025

CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura

Programa Paralelo

Performance de Bárbara Fonte

Sábado, 22 de Março, 16h30

Conversa pública no espaço da exposição com Mario Campaña, Emídio Agra e Paula Pinto
Sábado, 22 de Março, 17h

Vídeos

Ana Pissarra

José Nascimento

Pere Puig

Susana Camanho

Textos

Paula Pinto

Mario Campaña

Traduções

Susana Camanho

Emídio Agra

José Carlos Sendim

Produção

Maria Luís Neiva

Montagem

Maria Luís Neiva

Diogo Costa

Performance

Bárbara Fonte

Design

Macedo Cannatà

Agradecimentos

Abílio Silva

Alexandra Encarnação

António Câmara Manuel

Bárbara Fonte

Dário Cannatà

Diogo Costa

Edgar Pêra

Emília Tavares

João Pedro Trindade

Joaquim Moreno

José Carlos Sendim

Maria João Macedo

Pere Puig

Susana Camanho

Apoios

CAAA

Câmara Municipal

de Guimarães

República Portuguesa

Cultura/ DGArtes

Performing the Archive

22Atelier

Duplacena

Centro de Arte Oliva

A Oficina

Sismógrafo

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|----|----|-------|----|----|----|----|----|
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 11 | 12 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| | | | | 10 | | 13 | 16 | | | | 22 |
| | 4 | | | | | 14/15 | | | | | |
| | | | | | | | 23 | | | | |
| | | 2 | | | | | 24 | | | | |
| 3 | | | | | 1 | | | | | | |

1. *Les têtes interverties*, 2021

lata, acrílico sobre tecido de algodão, couro, madeira, chapa de alumínio, arame

2. *De quem nunca mais se ouviu-noite/dia*, 2012

guarda-chuva, tecido, arame, esmalte, frasco de vidro, madeira, vela, chapa e assobio

3. Susana Camanho *Pássaro que dança de Emídio Agra*, 2005

vídeo, cor, som, 4:6, 0'10" [loop]

4. *L'astrologue*, 2013

tecido, corda, mala, sapatos, lata, madeira, papel

5. *Ange oublieux*, 2008-19

madeira pintada a acrílico, bambú, plástico, camurça, pano, caixa metálica, caixa de música, linha de algodão

6. *Oiseaux*, 2011

botões, bambú, linhas, lata, papel de seda

7. *Le tailleur*, 2015

casaco, luvas de lã, madeira, metal e tinta acrílica

8. *Sem título*, 2002

madeira, tecido, meias

9. *Oiseau dansant*, 2024

Tecido de algodão, madeira, fósforo, relógio, argolas de metal

10. *Horloge*, 2020

chapa, fio, arame, berlindes, bambu, acrílico sobre contraplacado

11. *Ampulheta*, 2006

vidro, areia, tecido de algodão, madeira, fio, arame, tachas, cartão

12. *Oiseau dansant*, 2005-24

Madeira, acrílico, plástico, escova de dentes, pasta de dentes, fita-cola

13. *Marioneta, marioneta*, 2011

Vasilha de esmalte, couro, corda, tecido, ferro, sapatos

14. Pere Puig

Objectos de Emídio Agra, 2007

19 vídeos, cor, som, 18'31"

15. Susana Camanho

Objectos de Emídio Agra, 2006

2 vídeos, cor, som, 2'21"

16. *Rue M. Bonheur*, 2024

Caixa de madeira, lata de creme de barbear, fragmento de envelope, clip

17. *O senhor dos passos sozinho*, 2007

madeira, papel, arame, fragmento de meia, pedra de granito

18. *Jardin des oiseaux*

(*j'incline ma petite tête sur un livre...*), 2023

bota, cartão, acrílico sobre papel e sobre tecido de algodão, arame, madeira, alumínio

19. *Illusions perdues*, 2020

chapa, fio, arame, berlindes, bambu, acrílico sobre madeira

20. *Paix aux chaumières*, 2009

fervedor de alumínio, papel, plástico, assobio

21. *La nuit pour moi ne cache plus les cieux*, 2021

Lata de creme de barbear, acrílico sobre madeira, alumínio, fio de algodão

22. *La pélerin*, 2022

acrílico sobre madeira, fio, alfinete

23. Ana Pissarra e

José Nascimento *Ilha dos Pavões*, 2025

vídeo filmado em 3D e editado em anáglifo para ser visto com óculos 3D de papel, cor, som, 7"



24. *Le pianiste*, 2017

linho, tecido de algodão, madeira, fio, camurça

25. *La main*, 2019

tecido de algodão, madeira, fio, berlinde, acrílico sobre couro

26. Ana Pissarra e

José Nascimento vídeo HD, cor, som, 2024

A partir dos seguintes objetos de Emídio Agra:

L'ange du jardin des oiseaux, 2'24"

Livre heureux

(*inutile beauté*), 1'38"

Empoisonée, 1'06"

La main, 0'47"

Le pianiste, 0'57"

Vasilha, 1'25"

Ampulheta, 1'47"

Fleur, 0'59"

Télescope, 1'59"

Jardin des oiseaux

(*j'incline ma petite tête sur un livre...*), 0'39"

Une rare fleur, 0'48"

Les têtes interverties, 0'29"

Les illusions perdues, 1'25"

Emídio Agra (Viana do Castelo, 1968) é artista plástico, doutorado em Filosofia (Estética) pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona e licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Entre as suas exposições, destacam-se as individuais “Jardin des Oiseaux”, uma primeira constelação deste jardim de pássaros (DuplaCena77, 2024) e “L'éternité par les astres” (Sismógrafo, 2019). Participou nas coletivas “Anuário 19” (Galeria Municipal do Porto, 2020) e “Não é ainda o mar” (Sismógrafo, 2018). Faz parte da equipa do Sismógrafo desde 2020.

Paula Pinto (Porto, 1971) é formada em Artes Plásticas – Escultura pela Faculdade de Belas Artes na Universidade do Porto (1998), obteve o grau de Mestre em Cultura Urbana atribuído pela Universidade Politécnica da Catalunha (2004) e concluiu o Doutoramento em Estudos Visuais e Culturais na Universidade de Rochester, Nova Iorque (2016). Trabalha sobre cruzamentos disciplinares entre a dança, fotografias, artes plásticas, cinema/ vídeo e performance, interessando-se particularmente por arquivos de artistas, críticos de arte e instituições culturais. É curadora independente desde 2010 e publicou vários livros. Em 2021 fundou o Performing the Archive (Porto).

Ana Pissarra (Lisboa, 1968) vive em Lisboa. A prática artística coexiste com o trabalho de documentarista e argumentista para cinema e televisão, com paragens nos últimos anos em Moçambique, Brasil e Mauritânia. Estudou no NYFA (New York), fez o curso avançado de arte na Maumaus e pintura na Ar.Co. Nas artes, apresentou trabalho no MNAC (Museu Nacional de Arte Contemporânea), Atelier-Museu Júlio Pomar, Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, Torre do Tombo ou na Fundação Eugénio de Almeida.

José Nascimento (Lisboa, 1947) foi sócio fundador da Cinequipa e professor de Montagem na Escola Superior de Cinema do Conservatório Nacional. Realiza a primeira longa-metragem de ficção “Repórter X” em 1986. Realiza vários documentários para televisão integrados nas séries “Écran”, “TV Artes”, “Binário”, “Ensaio e Impacto” e “Brisa Solar” (2016), este último sobre as vivências na arquitetura colonial de Moçambique, co-realizado com Ana Pissarra. Realiza

“Tarde Demais” (2000) e “Os Lobos” (2006). Em 2016 realiza o documentário “Silêncios do Olhar” sobre a vida e obra de José Álvaro de Moraes. Em 2022 realiza a longa-metragem de ficção, “A Casa Flutuante”, estória de uma índia brasileira emigrante em Portugal. Acaba de finalizar o documentário “NAÇARA, Uma e Outra Vez”, com Ana Pissarra, sobre o breve colonialismo árabe português. Encontra-se em rodagem com o projeto documental “Diante do Tempo”, sobre o mito na religião popular portuguesa.

Pere Puig (Barcelona, 1965) é ilustrador com largos anos de experiência no mundo editorial. Trabalhou para a televisão catalã, realizando desenhos em direto para diferentes capítulos do programa “Una mà de contes” no canal Super3. Desde 2009, escreve também alguns dos textos que ilustra. Faz animações para poder ver o movimento dos seus desenhos. Utiliza colagens para se surpreender com novas possibilidades de sombra, luz, textura e movimento. Escreve e desenha o comic Petit Silvestre, para a revista catalã Cavall Fort.

Mario Campaña (Guayaquil, 1959) deixou o Equador, seu país natal, em 1992. Vive em Espanha, depois de ter vivido em França, Estados Unidos, México e Grã-Bretanha. Tem publicada uma vasta obra literária (poesia e contos) e ensaística e assinou relevantes antologias de poesia hispano-americana. A sua obra tem vindo a ser debatida em universidades como a de Salamanca, a Stony Brook University e CUNY Graduate Center de Nova Iorque. É director e fundador de Guaraguao, uma das mais relevantes revistas consagradas à cultura latino-americana.

Bárbara Fonte (Braga, 1981), artista plástica, apresenta um trabalho multidisciplinar no campo do desenho, da fotografia, do vídeo, da escultura, da performance e da escrita. É licenciada em Artes Plásticas – Pintura e pós-graduada em Teoria e Prática do Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Destacam-se as seguintes exposições: “A casa arde e os esqueletos cortejam”, Sismógrafo, Porto, 2023; “Unha branca diabólica”, Extéril, Porto, 2023; “Coreografias do Riso”, Casa Museu Abel Salazar, Porto, 2021; “Pústula”, Galeria A. Molder, Lisboa, 2021; “Neste corpo não há poesia”, CAAA, Guimarães, 2020; “M (de manifesto)”, Galeria da Universidade do Minho (Museu Nogueira da Silva), Braga, 2018.